

A RELAÇÃO DO LAZER COM A SAÚDE NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE SANTARÉM*

DIONÍSIO BELLÉ DE FREITAS

Graduado em educação física pela Universidade do Estado do Pará (Uepa)

E-mail: dionisioed.fisica@hotmail.com

JASSON DE MIRANDA SILVA

Graduado em educação física pela Universidade do Estado do Pará (Uepa)

E-mail: jassonpreto@yahoo.com.br

Dr^a. EDNA FERREIRA COELHO GALVÃO

Doutora em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Pará (Uepa-STM)

E-mail: ednafcgalvao@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo foi realizado em duas comunidades quilombolas de Santarém no Pará, com objetivo de investigar práticas cotidianas relacionadas à cultura e ao binômio lazer/saúde. Para tanto, realizamos entrevistas coletivas com 20 adultos e 20 crianças e adolescentes de ambos os sexos e observações do cotidiano das comunidades, atentando para os espaços destinados ao lazer e manifestações culturais. O convívio de oito meses nos quilombos mostrou-nos um distanciamento das práticas religiosas e corporais próprias da cultura afrodescendente, e uma aproximação com a cultura de massa. Além disso, as dificuldades do acesso aos serviços públicos de educação e saúde ajudaram a manter e reproduzir os conhecimentos de ervas e plantas medicinais, assim como a figura do curandeiro. No que tange ao uso do tempo livre, o futebol, o banho de rio ou de igarapé, o bate-papo nos bares; o arrasta pé nas festas e os programas da televisão constituem as principais atividades de lazer, o que certamente tem relação com as principais doenças registradas: cardiopatias, alcoolismo, micoses, verminoses, acidentes ofídicos, obesidade e outros agravos decorrentes do sedentarismo. É necessário estabelecer ações conjuntas no âmbito da cultura, lazer e saúde nessas comunidades com vista a ressignificar conceitos e sentidos de tempo livre, gênero, cultura e etnia.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer; saúde; cultura; quilombolas.

* Artigo produzido a partir de uma pesquisa de conclusão de curso no ano de 2007 vinculada à linha de pesquisa "Saberes articulados com a educação, saúde e cultura" do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Saúde da Coletividade da Universidade do Estado do Pará (Uepa), campus de Santarém.

INTRODUÇÃO

O estudo de temas transversais da cultura como o lazer constitui um amplo eixo de discussão, principalmente quando se refere às populações marginalizadas e estigmatizadas historicamente como é o caso das comunidades quilombolas. Poucos foram os estudos realizados sobre os costumes e manifestações inerentes a essas comunidades, colocando em risco o patrimônio histórico cultural destas populações, bem como a relevância das práticas de lazer no âmbito da promoção da saúde.

O município de Santarém, localizado na região oeste do estado Pará, durante muito tempo serviu como principal ponto de referência para o controle e reapreensão de escravos fugidos. Hoje abriga dez comunidades remanescentes de quilombo que enfrentam uma árdua batalha iniciada pelos seus antepassados em busca do reconhecimento e titulação de suas terras e de reconstrução de sua identidade enquanto mocambo. São comunidades que lutam para sair da marginalidade e fazer valer os direitos conquistados nas últimas décadas.

Diante desse contexto, nasceu o interesse em analisar e refletir sobre a relação do lazer com a saúde nas comunidades quilombolas de Santarém. Esta investigação teve a intenção de resgatar da cultura local aspectos até então desconhecidos, contribuindo não somente para manutenção das tradições e valores historicamente construídos, mas, sobretudo, para o aumento da auto-estima dos habitantes das comunidades quilombolas. Além disso, foi também nossa intenção articular com o poder público municipal a elaboração de políticas públicas direcionadas às reais necessidades provenientes dessas comunidades.

A ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO E OS CAMINHOS TRILHADOS

Antes de iniciarmos a pesquisa propriamente dita tivemos vários encontros com os dirigentes da Federação das Organizações Quilombolas de Santarém (FOQS) durante os meses de março e abril de 2007, com objetivo de apresentar o projeto de investigação esclarecer dúvidas quanto às motivações do estudo e metodologia a ser empregada e elucidar os riscos e benefícios para as comunidades e sujeitos envolvidos na pesquisa. Durante esses encontros a FOQS indicou as comunidades de Murumurutuba e Saracura para integrar o estudo por apresentarem realidades distintas: a primeira é uma comunidade que tem acesso por estrada e possui energia elétrica e a segunda o acesso é apenas por barco e não possui energia elétrica, fatores relevantes para estabelecer a relação do lazer com a saúde nestes espaços.

Neste estudo utilizamos uma abordagem qualitativa descritiva, uma vez que essa abordagem facilita a descrição da *complexidade* de uma determinada realidade

possibilitando *compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais*; apresenta contribuições para o processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e possibilita, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (OLIVEIRA, 1999, p. 117, grifos nossos).

No processo de investigação realizamos reuniões coletivas e entrevistas individuais com os moradores, abordando os eixos temáticos: questões históricas, tradições, medicina popular, trabalho, brinquedos/brincadeiras, atividades físicas, educação e serviços públicos. Ao todo participaram deste estudo 20 adultos (com faixa etária acima de 30 anos) e 20 crianças e adolescentes (com faixa etária entre 07 e 17 anos) de cada comunidade de ambos os sexos, nascidos e moradores da comunidade durante oitenta por cento de sua vida. Utilizamos também à observação do cotidiano da comunidade, principalmente, os espaços destinados às práticas de lazer e às manifestações culturais.

Foram realizadas nove visitas a comunidade de Murumurutuba das quais pernoitamos cinco vezes. No quilombo de Saracura foram realizadas cinco visitas, que pela dificuldade de acesso acabávamos permanecendo na comunidade durante dois ou três dias. Durante a permanência nos mocambos participamos ativamente da vida quilombola, filmando e fotografando, mediante consentimento dos sujeitos envolvidos, algumas manifestações culturais, as entrevistas coletivas e os espaços destinados às práticas de lazer.

DA ESCRAVIDÃO AOS MOCAMBOS

O processo de colonização na Amazônia ocorreu de forma diferente de outras regiões do país no que diz respeito à utilização de mão escrava, esta aconteceu em menor escala tendo em vista que a produção agrícola não era tão significativa na região devido às dificuldades impostas pelo ecossistema local. Dessa forma, as atividades exercidas pelos cativos se estendiam às lavouras de cacau, criação de gado e nos trabalhos domésticos (FUNES, 1996).

Apesar da pouca representatividade numérica, o negro que vivia em regime de escravidão sempre expressou o desejo à liberdade. As matas e águas dos afluentes do rio Amazonas eram as principais opções de fuga para o cativo. Em processo de adaptação a essa nova biodiversidade, o negro foi buscando meios de superar as dificuldades e adaptar-se a uma nova forma de vida, constituindo, assim, um espaço de resistência à vida escrava, o mocambo. No baixo Amazonas mocambeiro é o nome genérico de todos os negros habitantes do interior, "o que vive em mocambo". No quilombo os calhambolas extraíam seu sustento da selva, primeiramente

pescavam, caçavam e desenvolveram pequenas roças com sementes subtraídas dos seus antigos senhores (FUNES, 1996).

Segundo a Fundação Cultural Palmares (FCP) são comunidades remanescentes de quilombo toda comunidade negra rural, descendentes de escravos, cuja produção é utilizada para a subsistência das famílias. Espaços estes constituído como área de resistência, onde manifestações culturais tenham forte vínculo com o passado. Essas comunidades são caracterizadas “minorias sociais”, grupos marginalizados pela sua representatividade numérica, acessibilidade aos mecanismos de poder e diversidade étnica (MELO, 2003a). Nesse sentido, para compreender a complexidade que envolve as questões referentes às comunidades remanescentes de quilombo é necessário refletir numa perspectiva mais ampla e contextualizada. A marginalização desse grupo está vinculada, historicamente, ao valor subalterno dado as suas manifestações.

O etnocentrismo promove a imersão depreciativa das manifestações culturais de grupos com menor representatividade. A estigmatização cultural engendra na personalidade dos sujeitos uma desvalorização eminente de sua história, tendendo supervalorizar uma manifestação cultural externa a ele, correndo o risco de perder sua própria identidade. Chauí (2002) destaca que é a partir da manutenção do patrimônio cultural material e imaterial que um povo mantém vivo a sua história.

Assim como a educação, a família, o trabalho, dentre outros, o lazer é uma das importantes dimensões da cultura. Segundo Guimarães e Martins (2004), o lazer é o grande tempero, campo em que são delineados estilos nos comportamentos de pessoas e grupos, ocupando assim um papel central na edificação do sentido da vida. “O lazer se traduz pela vivência do lúdico em duas perspectivas interdependentes: a individual e a cultural” (ALVES, 2001, p. 61).

Partindo desta premissa as práticas de lazer possibilitam desenvolvimento da personalidade, integração voluntária e criam novas formas de aprendizagem. As vivências lúdicas praticadas nos grupos sociais favorecem não somente a manutenção e perpetuação da cultura, mais contribuem como fator de promoção da saúde (MELO, 2003b). Isso ocorre porque as atividades lúdicas possibilitam atitudes anti-estresse ao proporcionar a desaceleração das funções cognitivas. Segundo Camargo (2002) toda agressão externa ao nosso organismo causa algum tipo de estresse. Essa agressão pode ser de natureza física ou emocional. Assim, o racismo, a falta de perspectivas de vida, a ociosidade desprovida de crescimento pessoal, os vícios, a falta de acessibilidade às políticas públicas, dentre outras, configuram-se em agressões profundas ao organismo. Quando o indivíduo não consegue superar adequadamente a agressão, vem à doença e, eventualmente, a morte.

Nesse sentido, a qualidade de vida das pessoas não se traduz pela produtividade, mas por uma mudança das condições socioambientais, o que inclui o acesso as diferentes possibilidades de vivências lúdicas no tempo de lazer. Uma revisão no modo de construir a vida nos mocambos, garantindo a equidade dos direitos humanos, certamente resultaria em melhorias das condições de saúde do indivíduo e da coletividade.

A REALIDADE DAS COMUNIDADES INVESTIGADAS

Quilombo Saracura

Localizada na região de várzea do rio Amazonas, encontra-se distante de Santarém (área urbana) aproximadamente 25km cujo acesso se dá apenas por transporte fluvial, mais especificamente de rabetá¹. Possui uma população estimada em 826 hab., sendo em sua maioria crianças na faixa etária de 0 a 14 anos.

A comunidade remanescente de quilombo Saracura recebeu o nome de batismo referente a uma das primeiras habitantes daquelas terras. Contam os comunitários que uma senhora de nome Sara, que durante muito tempo foi perseguida pelas forças repressoras, devido as suas atividades de curandeirismo, acabou por se alojar naquele pedaço de chão, onde a comunidade estava se formando. As práticas realizadas por essa senhora a tornariam conhecida na comunidade, assim como naquela região; a frase de maior expressão conhecida no momento da dor, segundo dona Conceição, moradora antiga de Saracura, era “leva lá para Sara que ela cura”.

As casas são de madeira, suspensas em palafitas, não existe rede de saneamento básico – água e esgoto. A água retirada do rio Amazonas para o consumo é filtrada, porém o asseio é realizado no rio, sujeitando os comunitários aos riscos com animais peçonhentos; é comum o ferimento provocado por ferradas de arraia². O rio serve como escoadouro, onde são despejados as águas servidas e dejetos das casas. Os sanitários suspensos em palafitas, distantes das casas, possuem estrutura rústica e ineficaz para a região, uma vez que, no período da cheia, as águas do rio entram em contato com as fezes proliferando e disseminando doenças, principalmente nas crianças que se divertem na água.

1. Pequeno motor a gasolina caracterizado por uma haste de aproximadamente dois metros com a hélice em uma das extremidades usado na região para dar propulsão para pequenas embarcações (entrevista com Antonio Pinto, presidente do Quilombo Murumurutuba, 2007).

2. A picada da arraia, segundo moradores de Saracura, leva em torno de dois a três meses para ser curada.

No mocambo não há posto de saúde nem assistência médica, existe apenas a presença de uma agente comunitária que acaba tendo seu trabalho dificultado pela distância entre as residências, pelo meio de transporte (canoa período da cheia, caminhada período da vazante) e, principalmente, pelo grande número de famílias a serem atendidas.

Em Saracura encontramos o “Curandeiro”, uma figura mística importante na formação da identidade histórico-cultural do quilombo. As benzedeadas e o “consertador” (puxador) são personagens presentes no cotidiano do mocambo, mostrando, assim, o sincretismo que envolve as questões de saúde (MOTT, 1996). Atualmente as infusões das plantas medicinais possuem um valor significativo na manutenção da saúde local, constituindo uma ferramenta no combate as endemias como diarreia, viroses bem como outras morbidades. Os remédios caseiros, muitos de origem animal, constituem a principal forma de tratamento das enfermidades, expressando a carência/ineficiência dos serviços públicos de saúde. Segundo a agente comunitária existe a distribuição de hipoclorito de sódio para a purificação da água retirada do rio, porém a maioria dos quilombolas não o utiliza da forma recomendada, como comprovamos na seguinte fala: “Eu recebo da prefeitura o hipoclorito e distribuo para as famílias, só que muitos não usam porque muda o gosto da água, ainda tem os que usam para lava roupa”³.

A pesca de subsistência, o cultivo familiar de pequenos roçados e a produção artesanal de alimentos – farinha, tucupi etc. – que outrora constituíam as bases do trabalho no mocambo cederam lugar à pesca comercial e o trabalho de vaqueiro nas fazendas vizinhas. “[...] *agora não se faz mais roça [...] nos fazia farinha de mandioca, a tapioca [...] casa de farinha não existe mais [...] compra tudo da alimentação na cidade [...] aqui só tem apenas o peixe [...]*”⁴.

A extinção da agricultura familiar se deu em decorrência de inúmeros fatores, dentre eles estão as grandes áreas territoriais pertencentes a fazendeiros, a dificuldade do plantio em virtude das mudanças abruptas no ambiente (períodos de cheia e vazante) e a não titulação das terras do quilombo. Essa realidade aumentou a escassez do alimento, resultando no alto índice de desnutrição infantil e doenças relacionadas à insuficiência nutricional (HURTADO GUERRERO, 2007). Conforme Reis e Gomes (1996) as comunidades quilombolas do Baixo Amazonas viviam na fartura e nos dias de hoje passam fome. Na entrevista com Dona Mocinha isso pode ser comprovado: “aqui no Saracura tem muita fome. Antigamente tinha roça”.

3. Informação obtida em entrevista com agente comunitária em Saracura, 2007.

4. Fala proferida durante a entrevista com adultos em Saracura, 2007.

Quilombo Murumurutuba

A comunidade remanescente de quilombo Murumurutuba tem o seu nome de origem ligado à flora da região amazônica, murumuru é uma palmeira típica da localidade e “tuba” lugar onde estão reunidas muitas coisas de uma mesma espécie. Segundo dona Raimunda, uma das moradoras mais antigas da comunidade, os primeiros habitantes negros que chegaram ao mocambo eram seu avô e bisavô, que vieram fugidos no porão de um navio.

Está localizada na grande área do lago Maicá, na margem direita do rio Amazonas, fica distante de Santarém aproximadamente 42km, o acesso mais rápido é por meio de estrada, através da PA 370 – Rodovia Santarém-Curúaua. Murumurutuba é uma comunidade de adultos, segundo a agente comunitária no mocambo: “dos 310 remanescentes a maioria está na faixa etária de 18 a 45 anos”.

O quilombo não possui rede de saneamento básico, o esgoto residencial é despejado no solo ao lado das casas. Os sanitários existentes na comunidade possuem estruturas rústicas, latrina, prejudicando a higiene corporal. A água usada nos afazeres domésticos, na higiene pessoal, para beber e cozinhar alimentos é proveniente de poços de cacimba e igarapés aparentemente límpidos. A qualidade da água é definida por conhecimento, contudo, as perfurações hídricas não atendem às condições ideais de segurança sanitárias ficando, muitas vezes, localizados próximo das latrinas. O igarapé, outra fonte de água do quilombo, também atende às necessidades de consumo dos moradores, além de servir como ponto de encontro e práticas lúdicas após os afazeres diários.

O acesso à saúde pública é dificultado pela inexistência de posto médico no quilombo. O posto mais próximo fica distante 15km. O quilombo conta com a presença de uma agente comunitária de saúde que, além de atender às 60 famílias de Murumurutuba, estende seu trabalho às 33 famílias residentes em outra comunidade. Os doentes em estado grave são transportados por meios alternativos, como nos diz uma dos moradores: “quando a gente adoecer faz chá, toma, se não der jeito aqui, se não tiver transporte, a gente coloca na rede, pendura num pau, e vão levando pendurado até lá na Curuaúna, pra levá pra Santarém”⁵.

A prática do curandeirismo é pouco presente no quilombo, restringindo-se a figura do puxador⁶, como comprova a fala a seguir: “Uma vez teve um aqui que quase morre, pegô uma queda de uma mangueira, aí mandaram *puxá*” (idem). Os remédios caseiros, na maioria dos casos, constituem única opção, uma vez que não

5. Fala proferida em entrevista realizada com o grupo de 7 a 17 anos em Murumurutuba, 2007.

6. Pessoa com conhecimentos empíricos que realize massagens.

são ofertados remédios gratuitos, mas essa prática milenar não encontra adeptos entre os mais jovens: “a gente não entende muito dessas plantas e paus não, quem entende muito são nossos pais” (idem).

O LAZER E SUA INTERFACE COM A SAÚDE NOS QUILOMBOS

Historicamente o lazer foi compreendido como uma fração de tempo situado no âmbito do chamado “tempo livre”, tempo esse conquistado por trabalhadores nas lutas por diminuição de jornada de trabalho e pelo gozo de fins de semana e férias remuneradas. Deixando de lado a discussão dialética sobre o tempo livre, tempo disponível ou tempo conquistado, presente em Gomes (2004), o que se percebe é a perpetuação da dualidade entre o trabalho e o lazer. Na comunidade de Saracura a pesca, principal atividade de obtenção de alimentos, envolve um enorme dispêndio de energia, contudo é percebida muitas vezes, por adultos e crianças, como prática essencialmente lúdica. Isso pode ser identificado na fala do presidente do quilombo de Saracura, em uma de nossas conversas: “aqui no quilombo, no período das cheias, a gente mais pesca do que trabalha”.

As atividades de lazer observadas em Saracura circundam quatro espaços: campo de futebol, que não são poucos, mas que tem suas atividades interrompidas pela natureza no período da cheia; sede do clube que possui um salão coberto onde é realizada a maioria dos festejos; o barracão comunitário local disponível para atividades da igreja, associação da comunidade e quermesses e o rio Amazonas. Inúmeras atividades povoam o cotidiano desse grupo: jogos esportivos, principalmente o futebol, atividades recreativas aquáticas, festas profanas, danças e música. A musicalidade parece estar enraizada na veia comunidade muitos quilombolas possuem habilidades com instrumentos musicais, basta ouvir uma música, uns fazem batuque outros dançam, tudo bem ritmado, não importa a idade, o importante é a diversão. “Ela dança minha saracura” é uma das canções que faz parte do folclore da comunidade, possui uma interpretação ambígua do nome Saracura (ave típica da região ou “sara que cura”), deixando transparecer a capacidade dos quilombolas em compor, interpretar e ritmar músicas.

No mocambo a maioria das festas possui um vínculo entre o religioso e o profano. A festa de Nossa Senhora do Livramento, padroeira da comunidade, é exemplo marcante dessa presença. Segundo Funes (1996), tradicionalmente após os bailes e festas religiosas ocorridas nos mocambos do Baixo Amazonas as moças e mulheres mais jovens passavam nove meses incomodadas e então uma nova família surgia ou era ampliada. Essa realidade é verificada ainda hoje com a presença de muitas adolescentes mães.

Outro exemplo de festejo dos moradores de Saracura é uma encenação onde são representadas as dificuldades que seus ancestrais enfrentavam durante o período escravista, possibilitando momentos de reflexão, não somente para os jovens quilombolas como a sociedade de maneira geral. Segundo relato de moradores a encenação quer mostrar “o ritual do negro, negro no tronco e negro na senzala, [...] a vida de sofrimento que o escravo tinha” (idem). Procuram reproduzir o castigo que outrora se fazia presente na senzala, o contraventor da ordem estabelecida durante os festejos sofre o flagelo que um dia fora imposto ao negro escravo, o tronco. A complexidade dos fatores que circunscrevem os valores elitistas engendrados no inconsciente do indivíduo negro revela que apesar do tempo o negro continua enclausurado aos valores historicamente impostos pela sociedade branca.

Nesse contexto, desenvolvem-se complexas relações interculturais. Aspectos da cultura dominante e da cultura de massa entrecruzam com aqueles próprios da cultura popular, estabelecendo uma complexa rede simbólica que ora confluem para a manutenção e reprodução da tradicionalidade ora para a vivência e difusão de modos de ver, sentir e agir hegemonicamente difundidos no meio social. Assim, como observado por Grando (2006, p.29) nas comunidades indígenas,

As festas “religiosas” em diferentes grupos étnicos, [...] agregam novos elementos aos rituais tradicionais e possibilitam muito mais que redimensionar simbologias e proporcionar alegrias e prazeres como comidas, danças, músicas, etc. [...] A festa, como ocorre em momentos comemorativos em que o jogo é vivenciado, associa diferentes elementos que se conformam num espaço social singular concorrendo para a compreensão das relações entre os participantes.

A multidimensionalidade das atividades lúdicas desenvolvidas no quilombo que deslumbra a vida dos remanescentes, os costumes, a identidade e a manutenção da cultura local configuram importantes ferramentas na melhoria da qualidade de vida de Saracura. Entretanto, a tensão entre cultura dominante, cultura de massa e cultura popular levou, com o passar do tempo, ao esquecimento de muitas festas, jogos, danças e brincadeiras tradicionais, que possibilitavam o encontro entre as famílias e o estabelecimento de redes cooperativas via momentos de descontração. “Brincadeiras de roda, cipó queimado, berlinda, anel, brincadeira do limão, da melancia e tantos outros são alguns exemplos das brincadeiras que tínhamos aqui”⁷.

Fala-se em resgate das brincadeiras tradicionais, esse discurso reproduzido principalmente pela escola e apoiado pelos moradores de forma geral muitas vezes está comprometido apenas com a informação de um tempo e lugar localizado no

7. Informação obtida em entrevista realizada com o grupo de adultos em Saracura, 2007.

passado. Considerando a dimensão da cultura como forma de identificação de determinados grupos, comunidades e sociedades, movidos por subjetividades construídas historicamente, reviver práticas tradicionais deveria ser uma necessidade dos diferentes grupos mediados pela percepção dos meandros presentes na construção de sua realidade. Nesse sentido, a concepção de cultura que ora evocamos é aquela que é atravessada pela possibilidade de reconhecimento identitário, pela produção de práticas de transgressão e, por isso, preme de possibilidade revolucionária e reivindicação de acesso às produções historicamente construídas pela humanidade.

Werneck e Isayama (2001, p. 48), concebendo a cultura como um processo em que os homens, através de uma manipulação simbólica, atribuem significados às ações, enfatizam que a dimensão simbólica pode ser “verbalizada no discurso, cristalizada no mito, no rito, no dogma ou incorporada aos objetos, aos gestos, à postura corporal e está presente em qualquer prática cultural, seja ela considerada popular ou de massa”. Ressaltam ainda que essas práticas culturais não podem ser concebidas de forma estanque, “pois elas se interpenetram e se mesclam em muitos momentos da nossa vida em sociedade”.

Ao questionar os sujeitos da pesquisa sobre sentidos e práticas do lazer no mocambo relataram que as atividades vivenciadas na comunidade se restringem ao futebol e aos períodos festivos, nos quais a dança tem presença garantida. O vôlei também é praticado, contudo timidamente, por um pequeno grupo de moradores. Entretanto, o futebol é sem dúvida a prática de maior adesão dos homens, poucas são as mulheres que jogam futebol em decorrência dos mitos que envolvem a prática esportiva feminina (masculinização, fragilidade e ausência de habilidades). A natação faz parte do cotidiano das crianças, as atividades lúdicas no rio e no interior das casas constituem as de maior frequência nos meses de cheias. Essa realidade da várzea restringe as atividades lúdicas da população e os obriga a conviver com os dejetos familiares próximos de suas palafitas gerando situações de agravos a saúde, principalmente das crianças, que são freqüentemente acometidas por verminoses, desenterias e micoses. Essas demonstrações de atividades lúdicas/esportivas implicam na superficialidade das vivências de lazer assim como reforçam a concepção do lazer do Dumazedier (2004) como um “conjunto de ocupações” em oposição ao conjunto de necessidade e obrigações da vida cotidiana. Concepção essa amplamente criticada por diferentes autores por restringir o fenômeno lazer à prática de determinadas atividades⁸.

Percebemos também um contraste com os valores lúdicos da cultura negra uma vez que há um certo distanciamento das práticas culturais tradicionais dos

8. Essa questão é apresentada por Gomes (2004).

descendentes afro-brasileiros, como também uma fragilidade no que se refere à discussão, construção e implantação de práticas que visem a promoção da saúde/qualidade de vida dos remanescentes.

No quilombo de Murumurutuba encontramos práticas que se aproximam e se distanciam daquelas apresentadas em Saracura em decorrência da posição geográfica do mocambo. Os campos de futebol, o igarapé, os salões de festas a pescaria e os “butecos” constituem as opções de lazer vivenciadas na comunidade. O futebol goza da preferência de homens e mulheres quilombolas, entretanto, aqui também são poucas as mulheres que jogam. O igarapé é um dos redutos de entretenimento da comunidade, local onde as pessoas se refrescam e colocam os assuntos em dia. As histórias de pescador surgem em meio ao banho de cuia, sempre repletas de fantasias, contadas como fatos verídicos regados de muito humor e gargalhadas. A presença nos bares do mocambo também é comum, inclusive por adolescentes e jovens atraídos pelo jogo de sinuca e uma máquina de jogo eletrônico. A proximidade com a bebida alcoólica seduz e aumenta os adeptos da “birita”.

O mocambo possui dois salões de festa pouco utilizados durante o ano, são raras as atividades desenvolvidas nesses espaços para promover a integração da comunidade. A pescaria, a exemplo da comunidade de Saracura, além de ser um dos meios de obtenção de alimentos e recursos financeiros, também é associada ao lazer, principalmente quando realizam a piracaia⁹, realizada por grupos de pescadores serve tanto para descontrair quanto para a manutenção dos costumes locais. No mocambo existe uma comemoração tradicional conhecida como festival do açaí, onde é realizada uma noite cultural com apresentação da dança e rainha do açaí. Contudo, os comunitários necessitam de ajuda externa para organizar e ensaiar as coreografias, deixando transparecer a pouca vivência dos quilombolas com a dança e o distanciamento com as práticas tradicionais africanas perpassadas por essa expressão corporal.

Arriscamos dizer que as manifestações culturais tradicionais de Murumurutuba estão sendo extintas, são danças, jogos, práticas religiosas, brincadeiras, brinquedos, alimentação, medicina caseira, enfim, formas de viver e organizar a vida na comunidade que estão sendo transformadas mediante a produção de novos sentidos e desejos mediados por novas relações interculturais. Percebe-se uma rápida transformação da identidade histórico-cultural dessa comunidade, principalmente depois do advento da energia elétrica, as conversas de roda ficaram escassas e a cultura de massa transmitida pela televisão vem modificando profundamente o modo de vida

9. Piracaia é um termo utilizado na região amazônica para referir-se a um assado de peixe fresco, pelos pescadores, na beira do rio.

no mocambo. Aquilo que era salutar passou a ser desnecessário. Em entrevista com um dos moradores da comunidade, disse-nos que uma brincadeira tradicional na região conhecida como “entrudo” não é mais realizada por conta de uma suposta cultura higienista.

Nós brincávamos do *entrudo* no carnaval era uma tradição, tinha quem não gostava, porque era meio forte a brincadeira, o negócio era sujar os outros. Tinha caboclo que guardava a urina desde o natal, óleo de peixe, só pra chegar no carnaval e brincar, aí misturava com lama e água, aí sai, brincava, tinha caboclo que não aceitava e brigava, sabe, só que agora não tem mais porque o nosso jovem acha ruim se sujar. Então acabou a brincadeira, ficou só na nossa lembrança, era uma tradição nossa que se perdeu.

A relação com a indústria cultural e o acesso a transporte público trouxe a facilidade na obtenção de brinquedos industrializados, tornando a sua produção manual pelas crianças uma prática inexpressiva, da mesma forma vem corroborando com o afastamento das brincadeiras tradicionais infantis, como podemos observar na fala de uma das crianças: “tem alguns brinquedo, que eu faço de fruta: manga, açáí etc. e outros vem da cidade [...] ninguém brinca de roda aqui é muito difícil alguém vê”¹⁰.

Chauí (2002) já nos alertava para os sentidos e práticas difundidos pela cultura de massa. Nesse âmbito, as diferenças sociais, com seus conflitos e contradições, tendem a ser dissimuladas e ocultadas por intermédio de imperativos administrativos e técnicas de controle, com a intenção de reduzir a sociedade a uma imensa organização funcional. Os sujeitos, assim, são transformados em consumidores potenciais dos diferentes produtos que habitam o universo das práticas do lazer, movimentando um grande braço que mantém o sistema capitalista. Padilha (2006, p. 131) chama nossa atenção para a percepção de que,

a cultura do consumo [...] transforma os hábitos cotidianos, as relações entre as pessoas, as percepções dos espaços e os significados dos objetos. [...] a vida das pessoas diante das ofertas crescentes e aparentemente infinitas do mercado passa a ser coisificada, ou seja, a relação entre as pessoas é permeada pela mercadoria.

As atividades físicas de lazer vivenciadas no quilombo são realizadas pelos homens adultos. Durante as observações do cotidiano quilombola identificamos que os homens possuem horários, locais e grupos definidos para a realização de práticas lúdicas e esportivas. Entretanto, o futebol representa uma das únicas formas dessas atividades, a fala de um dos moradores reforça essa constatação: “toda tardinha a gente se reúne ali no campo para jogar bola, depois a gente vai ao igarapé tomar

10. Informação obtida em entrevista realizada com o grupo de 7 a 17 anos, em Murumurutuba, 2007.

banho, contar umas histórias, quase tudo mentira, história de pescador, mais é só pra gente rir” (idem).

Nesse ambiente o álcool é presença constante, permeando, na maioria das vezes, as conversas no fim do jogo ou no entorno do igarapé. O etilismo possui muitos adeptos no quilombo. Os jovens impulsionados pela falta de perspectivas que possibilitem o crescimento pessoal e coletivo encontram na “cachaça” a solução paliativa para os problemas, aumentando os índices de alcoolismo entre os comunitários. Um outro morador antigo da localidade afirmou: “a juventude, em vez de jogar bola, prefere o goró”.

A pesca, a agricultura familiar e a extração do açaí e de outros produtos retirados da floresta representam as bases de produção em Murumurutuba, estabelecendo uma divisão do trabalho entre os gêneros, como é possível comprovar na fala a seguir: “as vezes eu vou pescar com o papai [...] vou pra roça [...] trepar no açazeiro [...] as meninas ajudam na casa, lava, varre, faz comida” (idem). Os trabalhos desenvolvidos para obtenção de alimentos, atividade prioritariamente masculina, envolvem um grande esforço neuromuscular implicando um dispêndio elevado de energia, estabelecendo um equilíbrio entre o consumo alimentar e o gasto energético. Contudo, esse mesmo esforço pode acabar produzindo alguns agravos físicos como dores nas costas, desvios posturais, hérnias etc., e em decorrência do trabalho na floresta é muito comum o acidente ofídico.

Em contrapartida, as mulheres quilombolas, na maioria das vezes, atuam apenas no ambiente doméstico, poucas são aquelas que lidam nas roças. A dona de casa quilombola que outrora desempenhava atividades destinadas à produção de alimentos, cultivo de pequenos roçados conjuntamente com outras mulheres, hoje se prende aos afazeres domésticos e a uma vida mais subjetiva e sedentária, o que corrobora para o aumento da obesidade feminina e outras enfermidades decorrentes da vida sedentária.

As mulheres de idade provectora ficam à margem das atividades lúdico-esportivas vivenciadas no quilombo de Murumurutuba, apenas as meninas na faixa etária entre 7 a 17 anos de idade praticam, ainda que timidamente, o futebol e a dança. O mito de que as mulheres são frágeis para a prática do futebol impede que muitas delas brinquem. São raros os momentos de conversa entre as mulheres, observamos que essa prática é mais comum nos grupos religiosos. À noite, momento em que os afazeres domésticos são menores, o tempo disponível é utilizado para assistir à programação da televisão. O estilo de vida dessas mulheres facilita a não aceitação de seu corpo, a produção de uma baixa auto-estima, a submissão a situações de violência doméstica e o aumento do risco de doenças provenientes do excesso de gordura.

Concordamos com Palma (2006) quando afirma haver uma relação direta entre as condições socioeconômicas e os agravos à saúde coletiva, e por isso acreditamos que as condições de vida oferecidas nas duas comunidades quilombolas estudadas apresentam muitos fatores de risco que podem ser relacionados, de maneira muito importante, a todas as causas de agravos à saúde. No que se refere ao lazer, verificamos uma precariedade no acesso aos instrumentos e equipamentos de lazer, da mesma forma que não há uma clara percepção dessa área como direito e necessidade humana. A grande maioria acomoda-se com práticas corporais restritas e vivências lúdicas em espaços de risco, afetando em grande medida a qualidade de vida no mocambo.

Amorim et al. (2002, p. 51), ao discutirem qualidade de vida, chama-nos a atenção para considerar a influência dos parâmetros socioambientais e individuais. O primeiro envolvendo “questões como moradia, transporte, segurança, assistência médica, condições de trabalho e remuneração, educação, opções de lazer e meio-ambiente”; e o segundo focando a “hereditariedade e o estilo de vida como hábitos alimentares, controle do estresse, atividade física regular, relacionamentos e comportamento preventivo”.

A promoção da qualidade de vida não é, portanto, uma tarefa individual e não depende apenas da comunidade, mas se insere como uma responsabilidade sociocultural, envolvendo as autoridades competentes com a responsabilidade de implementar políticas públicas que atendam às necessidades básicas dos sujeitos de direitos.

TECENDO COMENTÁRIOS FINAIS

As manifestações culturais afrodescendentes, como o candomblé, a capoeira, o jongo e outras, não foram observadas nas comunidades, o que demonstra que a busca por uma identidade cultural tem um longo caminho a ser percorrido. Essa luta adquiriu um adepto muito poderoso, a escola. A escola configura-se como veículo secundário, após a família, para a perpetuação da cultura vernacular, buscando resgatar as manifestações lúdicas tradicionais que constituíram o mocambo. Mas faz-se necessário colocar em pauta o debate entre cultura popular, cultura erudita e cultura de massa de forma que possa possibilitar uma reconstrução da percepção da realidade de cada comunidade, em suas especificidades, e dos quilombolas enquanto grupo étnico de origem afrodescendente.

A manutenção da saúde local é uma árdua missão para os mocambeiros, em razão das dificuldades no acesso aos serviços públicos, a proliferação de um estilo de vida no âmbito do lazer, sem a devida discussão acerca de suas conseqüências

no que tange a saúde da comunidade, e as condições socioambientais questões que predispoem os sujeitos a fatores de risco e agravos. A grande maioria das políticas sociais que as comunidades remanescentes de quilombos têm acesso carece de planejamento, organização e propostas efetivas que viabilizem a aplicação e descentralização de recursos. A falta de saneamento básico e precariedade dos processos de obtenção da água, a superficialidade das práticas de lazer e o distanciamento das práticas lúdicas tradicionais realizadas nas comunidades acentuam a dificuldade de promoção e manutenção da saúde coletiva e reconhecimento étnico.

Compreendendo o lazer como manifestação importante para a preservação da identidade cultural de um povo e essencial para a promoção e manutenção da saúde e qualidade de vida da coletividade, a pesquisa sugere inserir no debate pela regulamentação das terras e estratégias de congregação das diferentes comunidades quilombolas os temas cultura e saúde na interface com o lazer, tendo em vista sua importância na articulação dos sujeitos e na promoção/construção de desejos e utopias, que estão no cerne da busca por melhores condições de vida.

Leisure related to health at the runaway slave living in a hideout communities of Santarém

ABSTRACT: The present study was developed at two runaway slaves living in hideout communities of Santarém in Pará, aiming to investigate daily practices related to culture and the binomial leisure/health. Therefore we had collective interviews with 20 adults and 20 children and adolescents, both boys and girls, and observation of their everyday, focusing on the space provided to leisure and cultural manifestations. Staying at the hideout for runaway slaves for eight months made us realize the distance of body and religious practices particular from the afrodescendent culture, and an approximation with mass culture. On the other hand, the difficulties to the access to public services regarding education and health helped to keep and reproduce the knowledge concerning herbs and medicinal plants, as well as the shaman figure. Regarding the use of free time and soccer, river and stream baths, chatting at bars, drag parties and TV programs are the main leisure activities, which, for sure, are associated with the major recorded diseases: cardiopathy, alcoholism, mycosis, verminosis, and ophidian accidents, obesity and other injuries originated from sedentariness. It's necessary to establish mass actions concepts and purposes of free time, kind, culture and ethnic.

KEY WORDS: Leisure; health; culture; runaway slave living in a hideout.

La relacion del tiempo libre com la salud en las comunidades afrodescendientes de Santarém

RESUMEN: Este estudio qué realizado en dos comunidades afrodescendientes de la ciudad de Santarém en el estado do Pará, Brasil, con el objetivo de investigar las prácticas cotidianas relacionadas a la cultura y al binomio recreación, tiempo libre y salud. Para eso, realizamos

entrevistas colectivas con 20 adultos y 20 niños y adolescentes de sexo masculino y femenino con observaciones del cotidiano de las comunidades, focalizando para los espacios destinados a la recreación y el tiempo libre y sus manifestaciones culturales. La convivencia de ocho meses en las comunidades afrodescendientes nos mostró una distancia de las prácticas religiosas y corporales propias de esa cultura, y una aproximación con la cultura de masas. Por otro lado, las dificultades del acceso a los servicios públicos de educación y salud ayudaron a mantener y reproducir los conocimientos de yerbas y plantas medicinales, así como la figura del curandero. Con relación al uso del tiempo libre, el fútbol, el baño en el río o arroyo, los encuentros en los bares, los bailes y los programas de televisión constituyen sus principales actividades, lo que ciertamente tiene relación con las principales enfermedades registradas como: cardiopatías, alcoholismo, micosis, verminosas, accidentes ofidios, obesidad y otros males producto del sedentarismo. Es necesario establecer acciones conjuntas en el ámbito de la cultura, tiempo libre y salud en estas comunidades con el propósito de resignificar conceptos y sentidos del tiempo libre, género, cultura y etnia.

PALABRAS CLAVES: Tiempo Libre; salud; cultura; comunidades afrodescendientes.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. de F. N. *Transdisciplinaridade no lazer: corpo, lúdico e cultura*. In: ENCONTRO NACIONAL RECREAÇÃO E LAZER, 13., Natal, 2001. *Anais...* Rio de Janeiro: s.ed., 2001.

_____; MIRANDA, M. de; CHIAPETA, S. M. V.; GIANNICHI, R. S.; SPERANCINI, M. A. C.; OSÉS, A. Estilo de vida ativo ou sedentário: impacto sobre a capacidade funcional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 7-150, maio 2002.

CAMARGO, L. O. de L. *Educação para o lazer*. 6. ed. São Paulo: s.ed., 2002.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: s.ed., 2002.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *Quilombos*. Disponível em: <www.palmares.gov.br>. Acesso em: 22 out. 2007.

FUNES, E. A. "Nasci nas matas, nunca tive senhor" – História e memória dos mocambos do baixo amazonas. In: REIS, J. R.; GOMES, F. G. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Cia da Letras, 1996.

GOMES, C. L. (Org.) *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GRANDO, B. S. O jogo da identidade BOE: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas: Autores Associados, v. 27, n. 2, p. 7-188, jan. 2006.

GUIMARÃES, E.; MARTINS, V. L. A. B. Qualidade de vida. In: GOMES, C. L. *Dicionário crítico do lazer*. São Paulo: Autêntica, 2004.

HURTADO GUERRERO, A. F. Mortalidade infantil em remanescente de quilombo do município de Santarém – Pará, Brasil. *Saúde Soc. São Paulo*, v. 16, n. 2, p. 103-110, 2007.

MELO, V. A. de. *Lazer e minorias sociais*. São Paulo: s.ed., 2003a.

_____. Lazer e educação física: problemas historicamente construídos, saídas possíveis – um enfoque na questão da formação. *Lazer Recreação e Educação Física*, Belo Horizonte, 2003b.

MOTT, L. Santo Antônio, o divino capitão-do-mato. In: REIS, J. R.; GOMES, F. G. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Cia da Letras, 1996.

OLIVEIRA, S. L. de. *Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses*. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1999.

PADILHA, V. Consumo e lazer reificado no universo onírico do *shopping center*. In: PADILHA, V. (Org.). *Dialética do lazer*. São Paulo: Cortez, 2006.

PALMA, A.; FERREIRA, D. C.; BAGRICHEVSKY, M.; RESENDE, H. G. de. Dimensões epidemiológicas associativas entre os indicadores socioeconômicos de vida e prática de exercícios físicos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 7-202, maio 2006.

REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. Introdução – Uma história da liberdade. In: REIS, J. R.; GOMES, F. G. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Cia da Letras, 1996.

WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. Lazer, cultura, indústria cultural e consumo. In: WERNECK, C. L. G.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. (Orgs.) *Lazer e mercado*. Campinas: Papyrus, 2001.

Recebido: 14 mar. 2008

Aprovado: 20 out. 2008

Endereço para correspondência

Dionísio Bellé de Freitas

63ª BI – Rua General Eurico Gaspar Dutra, 831 – Estreito

Florianópolis-SC

CEP 88075-510